



CRISE DE VALORES: DESAFIO À SUSTENTABILIDADE

Paulo Eduardo de Oliveira

A reflexão sobre a sustentabilidade é uma questão que diz respeito à nossa relação com os outros, pois o trabalho para preservar as condições sustentáveis da vida não é um empreendimento individual, mas coletivo. Portanto, trata-se de algo que traz consigo uma *dimensão ética*.

A ética¹ é o campo dos valores. Valor é aquilo que pode ser adjetivado como *bom, desejável, digno de imitação, verdadeiro, justo, responsável* etc. Digo, por exemplo, que ser honesto é *bom*. Portanto, a honestidade é, para mim, um valor. Ao contrário, a desonestidade eu qualifico como um *mal*. Isso quer dizer, um *contravalor*. Digo também que pensar nas gerações futuras, preservando o meio ambiente, é uma atitude louvável, responsável, eticamente correta, e assim por diante. Ao contrário, destruir o meio ambiente ou adotar um estilo de vida que não leve em conta o futuro da humanidade é agir de forma irresponsável e, portanto, contrária à ética.

Acontece que, às vezes, não sabemos direito o que se deve escolher. Os valores se confundem, se misturam. Isso ocorre quando, por exemplo, as pessoas não sabem se é melhor ganhar a vida honestamente ou usar de meios ilícitos para enriquecer (há quem ache que a desonestidade é simplesmente uma questão de esperteza). Recentemente, uma reportagem de televisão mostrava funcionários públicos afirmando que cobrar comissões indevidas para aprovar projetos faz parte da “ética do mercado”². Isso é confundir tudo, trocar o bem pelo mal como se fossem sinônimos. É isso que se pode chamar de crise ética.

Outro exemplo diz respeito à questão da sustentabilidade ecológica ou ambiental: há também aqueles que entendem que o lucro está acima de qualquer coisa, mesmo da preservação do meio ambiente ou dos recursos que garantem a sobrevivência de todos nós. Veja-se quanto se desmatou nos últimos anos, no Brasil, em nome do enriquecimento de poucos. Não há dúvidas de que o uso abusivo dos recursos naturais, sem controle e sem legislação adequada, acabam gerando situações que comprometem a sustentabilidade ambiental.

Então, o que é certo e o que é errado? Parece que, nestes casos, as pessoas confundem o mal com o bem. Quando isso acontece, dizemos que se vive um período de crise de valores ou de crise ética.

OS VALORES NORTEIAM NOSSAS AÇÕES

Todas as culturas e as sociedades desenvolvem valores. Valores são conceitos ou ideias (verdade, justiça), objetos (ouro, dinheiro) ou relações (igualdade, fraternidade) que servem como baliza para nossas ações. Deles dependem nossos comportamentos na medida em que são incentivados ou reprimidos. Por exemplo: quando faço do dinheiro um valor, todas as minhas decisões giram em torno dele. Ele se torna, assim, o critério de minhas decisões. Ao invés do dinheiro, eu posso escolher a justiça como valor fundamental. Nesse caso, eu posso até perder dinheiro, desde que não seja injusto.

Nas sociedades capitalistas, como é o caso da nossa sociedade, os bens materiais tendem a se tornar valores supremos em torno dos quais orbitam todas as nossas escolhas e decisões. Crianças passando fome e o crescimento do número de moradores de rua, nas grandes cidades, são fatos que causam menos preocupação do que a *bolsa de valores* em queda. Porque o valor está no capital e no acúmulo de riquezas, não nas pessoas e na vida humana. Se fosse a vida e as pessoas o centro das preocupações, primeiro nós resolveríamos o problema da fome para depois discutir estratégias de lucratividade.

Num outro tipo de sociedade, as relações humanas podem ter maior peso do que o dinheiro. Nesse caso, a igualdade e a solidariedade tornam-se, por exemplo, os valores que orientam as decisões. Numa sociedade assim, criança nenhuma pode morrer de fome e ninguém pode ser condenado a viver na rua enquanto outros acumulam riqueza e vivem em busca do luxo e da ostentação.

Assim funcionam os valores: orientam nossas ações. Servem como bússolas que indicam o caminho para escolhas mais sustentáveis ou menos sustentáveis. Percebe-se, assim, que a sustentabilidade é uma questão ética³, ou seja, uma questão de opção por valores que sejam

realmente comprometidos com a defesa da vida em todos os seus aspectos. Mas, em nosso tempo, muitos deixaram as bússolas de lado e preferiram adotar relógios para calcular o índice de produtividade e de aproveitamento do tempo. Querem andar muito, mesmo que não saibam ao certo para onde estão caminhando. E o caminho escolhido poderá estar conduzindo a todos para um futuro comprometedor. Sob o ponto de vista da sustentabilidade, o caminho poderá nos conduzir ao paraíso na terra ou ao abismo. A escolha é nossa!

VALORES E IDEOLOGIA⁴

Quando uma determinada cultura determina que algo é ruim e deve ser evitado, surgem mecanismos de coação e de repressão a fim de impedir que os indivíduos adotem aqueles comportamentos. Ao contrário, quando algo é considerado um valor, as culturas incentivam e promovem a adoção das ações e práticas que correspondem a ele. Surgem, desse modo, o que Karl Marx⁵ designou de aparelhos ideológicos⁶, ou seja, os mecanismos sociais que se prestam a imprimir em nós o *conjunto de ideias motriz* de nossas condutas.

A família, a escola, a religião e o Estado, na opinião de Marx, são as principais instituições que cuidam de nos dizer o que devemos e o que não devemos fazer. As leis, os princípios religiosos, os códigos morais e as lições escolares formam o caráter das pessoas de modo a fazerem corresponder ao *padrão moral* adotado, ou seja, à ideologia dominante.

Desse modo, numa sociedade patriarcal, por exemplo, todos *crecem* sabendo que o pai é a figura central na família, a mulher lhe deve obediência e respeito, as principais tarefas sociais são desempenhadas por homens, os homens controlam a política e a religião, e assim por diante. Os aparelhos ideológicos nos *ensinam* como as coisas devem ser.

Numa sociedade baseada no modo capitalista de produção, os aparelhos ideológicos tendem a nos tornar pessoas preocupadas em consumir, pois é isso o que movimenta o mercado. Assim, para que se consiga fazer as pessoas compreenderem a necessidade de uma atitude de vida diferente, mais sustentável, é preciso mudar o modo como pensam e agem em relação a si mesmas, aos outros e ao próprio planeta. É preciso um processo de conscientização, uma tomada de atitude crítica em relação à ideologia consumista⁷, que é contrária à ideia de sustentabilidade. A noção de sustentabilidade implica a busca de alternativas que levem ao equilíbrio entre consumo, produção e conservação do meio ambiente e dos recursos naturais.

Uma ressalva importante: essa condição ideológica da vida humana não é de todo negativa. Na verdade, ela imprime as condutas-padrão, aqueles comportamentos coletivamente aceitos, por vezes necessários para a organização social. Contudo, as pessoas podem ser educadas para não

simplesmente responder cegamente aos padrões, mas para agir com senso crítico e com espírito livre. Assim nascem os sistemas democráticos, os regimes de liberdade e as sociedades abertas. A imposição dos valores, contudo, sob diferentes formas de violência, é que deve ser considerada perniciosa. Sobre isso, vale a pena ver a crítica de Michel Foucault⁸, em sua obra *Microfísica do Poder*, assim como o texto de Karl Popper⁹, *Sociedade Aberta e seus Inimigos*.

CRISE DE VALORES

Quando éramos pequenos, nossos pais sabiam muito bem quais valores deveriam nos ensinar: ser honestos, verdadeiros, procurar fazer sempre o bem etc. O que era o bem ou o mal pareciam estar bem definidos e ninguém tinha dúvida sobre os *valores morais*. Hoje, contudo, nós que crescemos e somos pais e mães, nos sentimos por vezes perdidos. Vivemos, sem dúvida, um momento de crise ética.

O que significa dizer que vivemos um momento de crise de valores? Em primeiro lugar, refere-se a uma mudança cultural que está *redefinindo os valores* de nossa sociedade.

A crise de valores se expressa na confusão entre o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e injusto. Em outras palavras, é a confusão entre valor e contra-valor. Os valores são produtos culturais, sujeitos às variações do tempo e do espaço. Sempre que uma determinada cultura decide eleger alguma atitude (porque o campo da ética é o campo das atitudes) como valor, estabelece-se o contra-ponto com a atitude oposta. Assim, à atitude positiva de respeito à vida, por exemplo, contrapõem-se a morte e a violência. Quanto mais clara fica a oposição entre os dois pontos, mais força tem o valor ético estabelecido. Onde reside, então, a confusão de valores? Parece-nos que ela nasce da aproximação dos pólos antagônicos: em nosso tempo, por exemplo, vida e morte convivem numa quase perfeita harmonia. (OLIVEIRA, 2005)

Para muitos, essa redefinição pode parecer um fato comum e, talvez, sem grandes consequências. Porém, creio que se trata de algo muito grave a que devemos dar atenção. Em nossa opinião, trata-se de uma *crise profunda*, ou seja, de uma crise que muda o nosso modo de ser e de se posicionar diante da vida. Em termos gerais, pode-se dizer que a crise ética de nosso tempo corresponde a uma *inversão de valores* e não a uma *ausência de valores*.

Pensemos um pouco: se antes os interesses comuns e coletivos eram mais importantes do que os interesses privados, a sociedade mostra que hoje o que realmente importa é *a vida de cada um*. Houve não a eliminação de um valor, mas sua substituição por outro: o interesse público deu lugar aos interesses pessoais que, não raras vezes, se deixam levar pelo egoísmo. Houve, portanto, uma *inversão de valores*.

Vejamos outros exemplos concretos.

- a) A violência passou a ser vista como algo normal e aceitável. De fato, se pensarmos bem, convivemos, diariamente, com índices cada vez mais elevados de violência. No cinema e na televisão, as cenas de violência são cada vez mais explícitas. Convivemos tanto com essas imagens que nos tornamos, aos poucos, indiferentes. Quem de nós se assusta ao ver um corpo humano destruído por uma bomba? Quem fica chocado com cenas de violência urbana, assaltos, assassinatos, crimes passionais? Quem deixa de dormir por causa dos frequentes sequestros que ocorrem todos dias nas grandes cidades? Nós nos acostumamos com a violência: ela parece normal. Até mesmo os desenhos animados (aparentemente inofensivos e inocentes) trazem uma carga elevada de mensagem em favor da violência. Também os jogos eletrônicos trazem diversas opções para *brincar de matar, brincar de fazer guerra* etc.
- b) Outro exemplo da inversão de valores: a corrupção parece ter virado moda em nosso país. A injustiça tornou-se regra comum em muitos setores da sociedade. O cenário político do país, os escândalos que derrubam deputados e ministros, a generalização da corrupção mostram que as pessoas passaram a dar mais valor aos seus interesses pessoais do que à honra, à dignidade e ao respeito pela população. O individualismo e o egoísmo parecem imprimir profundamente suas marcas em cada um de nós: *cada um por si e Deus por todos* parece ser a regra de ouro, o princípio moral que orienta, nesses tempos de crise, as nossas escolhas.
- c) Ainda outro exemplo concreto desse quadro de inversão de valores é a busca do prazer. Isso parece ser a única coisa que de fato interessa. Assim, os relacionamentos tornaram-se descartáveis: *ficar* passou a ser uma forma de relação na qual se tem direito a tudo e não se tem dever de nada. Interessa apenas *curtir*. Não há respeito nem responsabilidade. E quem fala desses valores é taxado de antiquado e *careta*. Vivemos na cultura do hedonismo¹⁰, isto é, do culto do prazer e da satisfação imediata de nossos desejos. Nada mais interessa senão o conforto (temos controle remoto para tudo) e o que exige menos esforço (tudo o que é dever ou obrigação passou a ser visto com maus olhos). Para alguns, jogar o lixo na rua é mais fácil do que procurar o lugar adequado! Isso é um exemplo típico de atitude hedonista.
- d) Quanto à questão da sustentabilidade, veja-se também que ocorrem muitas situações de inversão de valores: no que diz respeito à *sustentabilidade social*¹¹, por exemplo, percebe-se que a acumulação de renda e de patrimônio nas mãos de poucos é um

falso valor, que vai na contramão da equidade na distribuição de renda e no esforço de diminuição das diferenças sociais.

- e) Há muitos outros exemplos a serem analisados: a impunidade prevalece em quase todos os âmbitos da vida social; *ser esperto* passou a ser mais importante do que *ser honesto*; a palavra dada pouco significa; ser uma *pessoa de bem* é coisa do passado; pensar nos outros é coisa antiquada; o bem individual está acima do bem comum; matamos crianças inocentes antes de nascerem; matamos de fome milhões de pessoas por ano enquanto fortunas são gastas na indústria da guerra e da corrupção política.

Esses exemplos evidenciam a crise ética na qual estamos mergulhados. Nós estamos vivendo um período de crítica dos valores estabelecidos e de busca de novas referências.

A crise de valores está, então, na banalização da contradição entre os valores e os contra-valores. Tudo parece conviver numa harmonia que mascara a contradição. O bem e o mal parecem próximos, como se fosse o mesmo fazer o bem ou fazer o mal (as telenovelas, por exemplo, sempre apresentam personagens que personificam o mal, mostrando que isso é um caminho possível a ser escolhido. Por vezes, tais personagens são aquelas que tudo conseguem e que, ao final, acabam se saindo bem). Da mesma forma, a confusão entre os valores aparece no campo da justiça: a injustiça convive de modo quase trivial com a justiça, de modo a minimizar as diferenças (agir de modo justo ou injusto parece fazer pouca diferença, sobretudo quando vemos a impunidade reinar e as saídas oficiosas serem soluções aceitáveis em mil e uma situações). (OLIVEIRA, 2005)

A crise de valores mostra que os padrões de moralidade são relativos a um determinado tempo e lugar. Não são regras absolutas, válidas para sempre, mas escolhas provisórias que nos ajudam a vivermos as especificidades de nossas circunstâncias.

RELATIVISMO ÉTICO: TUDO É MESMO RELATIVO?

A marca mais clara dessa crise pode ser expressa no *relativismo ético*, isto é, na concepção de que os valores são todos relativos e dependem da consciência de cada um. Ora, o relativismo¹² ético é um mal que precisa ser combatido, pois ele pode nos levar a desvios e a tomar atitudes que, ao invés de respeitar a liberdade do homem, nos aprisionam em nossas próprias escolhas egoístas.

A falsa concepção de que os valores são todos relativos enfraquece a noção de que a ética é um compromisso social, um valor comunitário. Não somos nós os únicos seres do planeta, e em nosso umbigo não está o centro de gravidade do universo. Somos pessoas que convivemos com outras, com iguais direitos de vida e de realização plena como seres humanos. O relativismo torna-

nos, ao contrário, seres em competição, homens em guerra contra nós mesmos, confirmando aquilo que dizia Thomas Hobbes: “o homem é lobo do próprio homem”. Por isso, o relativismo deve ser combatido, pois corresponde a uma visão ética deformada.

Lutar contra o relativismo ético não significa optar por modelos autoritários e por condutas moralistas¹³ e repressoras. Ao contrário, significa compreender a justa medida da liberdade e, ao lado dela, colocar o valor da responsabilidade social. Somos homens livres, mas convivemos com outros homens igualmente livres. Não podemos fazer tudo o que queremos, mas podemos escolher meios de vida mais digna para todos. Não podemos nos guiar pelo simples desejo de autorrealização, mas podemos nos realizar enquanto trabalhamos para que outras pessoas também se realizem.

Quando vemos o grande número de voluntários envolvidos em causas humanitárias, percebemos que, aos poucos, estamos redescobrimo os valores que nos tornam realmente humanos. Do mesmo modo, a grande preocupação mundial com a preservação do meio ambiente é um sinal de que estamos acordando para uma nova ética. Some-se a isso a consciência cada vez mais clara de que precisamos nos empenhar em programas de responsabilidade social e em projetos globais de sustentabilidade. Tudo isso parece um sinal de que a crise ética não é, necessariamente, algo ruim. Contudo ela está, ao contrário, nos conduzindo a uma postura cada vez mais crítica, responsável e sustentável.

MANIFESTAÇÕES DA CRISE

A crise de valores se manifesta de muitos modos. Sobretudo em três setores de nossa vida, suas manifestações são mais evidentes e suas consequências mais importantes. Analisemos brevemente cada um desses setores e as manifestações de crise que apresentam.

Crise das Instituições (OLIVEIRA, 2005)

A crise das instituições se insere no mesmo contexto da crise de valores. No fundo, uma passa a ser consequência da outra. Os valores estabelecidos são, via de regra, conservados e reproduzidos pelas instituições sociais. Cada instituição (sobretudo a família, a religião, a escola e o estado) desempenha um papel e garante a preservação de certos valores mais pertinentes à sua própria identidade institucional. Assim, de modo genérico, à família cabe ensinar o valor da convivência, do respeito ao outro; à religião, por sua vez, cabe ensinar o valor da transcendência; à escola, o valor do conhecimento, da ciência e da cultura; ao estado, finalmente, os valores cívicos.

Quando os valores são bem definidos, as instituições não têm dificuldades em fazê-los prevalecer. Exemplo disso é a forma como os valores religiosos eram preservados na cristandade medieval¹⁴. A instituição eclesial era fortalecida pelos valores que pregava e vice-versa. A crise de valores religiosos trazida pelo secularismo¹⁵ renascentista e moderno, contudo, abalou as próprias bases da instituição eclesial. Um outro exemplo pode ser visto no campo da ciência: a ciência moderna (compreendida como instituição), fortalecida em seus valores de precisão, certeza e verdade absoluta, conforme o modelo newtoniano-cartesiano¹⁶, foi colocada em xeque pelos novos paradigmas científicos surgidos no século XIX e XX: Darwin, Freud, Heisenberg, Russell, Wittgenstein, Frege e Einstein foram alguns dos responsáveis pelo estabelecimento de um novo modo de compreensão a ciência. Talvez a expressão de Ilya Prigogine – “o fim das certezas” – revele, precisamente, o novo caráter científico de nosso tempo.

Esses exemplos mostram que a crise de valores geralmente vem associada à crise das instituições que os conservam e propagam. Hoje, evidentemente, as instituições sociais fundamentais estão em crise: o modelo tradicional de família está sendo reconstruído a partir de uma nova identidade familiar. Situações novas do complexo social, como o divórcio, a união homossexual, o amor livre, por exemplo, tendem a levar as pessoas a rever seus próprios valores.

Os educadores não podem ficar indiferentes: precisam ajudar os educandos a compreender este processo de transformação social e cultural dos valores e dos modos de se situar diante dos desafios da vida. Não é preciso uma atitude dogmática e conservadora, que reivindique a simples reedição dos valores do passado, mas uma atitude consciente de pessoas que entendem a importância dos valores para a vida em sociedade e, assim, estão dispostas a reconstruir seu quadro de valores com responsabilidade.

Essas situações são mais frequentes do que podemos imaginar. Muitos educadores afirmam que não são pais e nem mães de seus educandos. De fato, não são, mas nem por isso estão dispensados de amá-los como se o fossem.

Crise de Identidade (OLIVEIRA, 2005)

A crise de identidade é outro fenômeno de nosso tempo. Contudo, não é exclusiva de nosso tempo, creio que isso já ficou claro. Ela pode ser resumida na expressão de Sartre: “O que vou fazer daquilo que fizeram de mim?” A supervalorização do sujeito criou um excessivo individualismo, pelo qual nos sentimos donos de nós mesmos sem ao menos saber quem somos. A crise de identidade reflete a situação do homem atual que pode fazer qualquer escolha, é livre para tudo, mas não sabe quais são as possibilidades que se apresentam à sua frente. Parece-se

com um pássaro libertado de sua gaiola que, por não saber onde ir, acaba sentado sobre ela e até volta para dentro dela.

As modernas teorias psicológicas, sobretudo a psicanálise, escancararam a intimidade humana, numa atitude desesperada de resgate da identidade pessoal. Dramas, conflitos, neuroses e traumas foram todos desmitificados, restando a “consciência pura” de um homem desnudo e sem rumo. Foram destruídos os mitos, mas nada foi colocado em seu lugar. Quem é o homem? De onde veio? Para onde vai? Qual é o sentido da vida? Não encontramos resposta para estas questões no novo quadro de valores que se apresenta. Antes, encontramos atitudes de dissimulação e de fuga, atitudes que pretendem refugiar o homem no desfrute do passageiro e no deleite do fútil. Em consequência, ao invés de encontrarmos pessoas cada vez mais donas de si e livres, encontramos pessoas sempre mais dependentes dos mecanismos que lhes ofereceram esse tipo de liberdade. A droga, o sexo, o poder, a vida cômoda são alguns dos analgésicos oferecidos à consciência exausta do homem de nosso tempo.

O educador precisa estar atento a esse fenômeno. Os nossos educandos estão muito interessados nas ofertas que lhes são feitas: prestígio, visibilidade social, fama, dinheiro, luxo, sexo, prazer sem medida, fortes emoções, atitudes radicais, droga, êxtase, desfrute, deleite, facilidades, conforto... Esta é a linguagem que o nosso tempo usa. Evidentemente, seu poder de sedução é muito forte. Até nós caímos nas amarras de suas propostas. O educando, no entanto, parece mais vulnerável. Discursos e iniciativas que tendem a mobilizar as pessoas para as questões de responsabilidade social e a sustentabilidade são aceitos com mais dificuldade, pois parecem não corresponder aos ideais de vida que foram ideologicamente assentados na visão de mundo das pessoas.

A liberdade prometida pelos contravalores leva à escravidão, à dependência e ao desespero. O homem perde sua identidade: não sabe quem é, não sabe o que quer, não sabe para onde vai. Não é estranho notar que o número de deprimidos e estressados aumentou assustadoramente nos últimos anos. Isso não é resultado, apenas, do ritmo alucinante da vida moderna, mas, sobretudo, da perda de identidade: fazemos muito sem saber para que, andamos muito sem saber para onde, buscamos muito sem saber direito o que queremos. Lembre-se de que deixamos as bússolas de lado e adotamos relógios.

Crise de significado (OLIVEIRA, 2005)

Decorrente da crise de identidade, a crise de significado ou de sentido parece nos envolver cada vez mais. Qual é o sentido da vida? Qual é o sentido das coisas? Qual é o sentido da história?

Qual é o sentido da própria cultura humana? A mentalidade¹⁷ que privilegia o descartável (da roupa ao automóvel, das relações amorosas e sexuais às doutrinas e opções religiosas) não pode, certamente, oferecer resposta à crise de sentido. Uma prática educativa que leve em conta a sustentabilidade¹⁸ corresponde a um esforço para dar sentido à vida pessoal e comunitária. O educador precisa encontrar formas de, em sua prática educativa cotidiana, recuperar o valor do permanente, daquilo que faz parte de nossa essência, daquilo que fica quando todo o resto muda.

O sentido da vida não está naquilo que escapa à mão, mas naquilo que plantamos, com raízes profundas, no terreno da própria história pessoal e coletiva. Assim, na sala de aula, podemos dar preferência às coisas que, de fato, permanecem: não somente os resultados imediatos da nota, mas o aprendizado significativo, para citar apenas um exemplo.

Nesse sentido, é importante levar em conta que *educar para a vida*¹⁹ é muito mais do que simplesmente ensinar a como *passar pela vida*. Nós, educadores, por vezes nos dedicamos simplesmente a formar a mente e as mãos sem formar o coração de nossos educandos. Enchemos suas cabeças de teorias e de respostas, mas pouco ensinamos a fazerem perguntas significativas. É por isso que a vida se esvazia e os valores passam a ser banalidades. Daí nasce a violência, o desencanto, o desespero que levam muitos jovens a se refugiarem em falsos abrigos, como as drogas.

CRISE É OPORTUNIDADE DE CRESCIMENTO

A cultura ocidental, na maioria das vezes, admite a crise como um elemento negativo. “Estou em crise” significa, geralmente, “não estou bem”. Contudo, sob a perspectiva oriental, a crise tem uma importância significativa. Ela se apresenta, de fato, como oportunidade de crescimento.

Crise como crítica

Nos momentos de crise, fazemos a crítica de tudo o que nos afeta e faz parte de nossa vida: nossas escolhas, decisões, referências e valores. A análise crítica nos faz perguntar sobre o que de fato queremos, o que de fato importa para nós. Esse aspecto é fundamental para que vivamos de modo consciente, sem sermos simplesmente levados pela maré ou conduzidos como rebanhos. A educação tem um papel fundamental nesse campo, quando orienta os educandos para a liberdade e a responsabilidade.

Crise como busca de critério

Nos momentos de crise, também revemos nossos critérios, ou seja, as nossas peneiras. Assim como os mineradores tomam peneiras de diferentes tamanhos para garimpar as pedras preciosas que tanto procuram, nós também usamos peneiras diversas para escolher o que queremos para nossas vidas. Critério é o filtro pelo qual fazemos nossas escolhas. Tenho dois livros diante de mim, mas preciso escolher o melhor. Antes de escolher, preciso estabelecer o critério de escolha: melhor quanto ao conteúdo, a qualidade de impressão, a forma linguística etc.

Diante das escolhas da vida, sobretudo nos momentos de crise, precisamos estabelecer critérios pelos quais poderemos pautar nossas decisões. Pais e educadores, nesse sentido, têm um papel fundamental. Na medida em que se tornam exemplo para os filhos e educandos, ensinam a estabelecer critérios válidos para as importantes decisões da vida.

Crise como purificação

Outro exemplo sobre mineradores: quando se tira o minério do rio ou da mina, coloca-se tudo no crisol ou no cadinho para se levar ao fogo. As chamas queimam as impurezas e resta, então, apenas o minério precioso.

Crise também tem esse sentido positivo de purificação. Nos momentos de crise, fazemos um exame em nossa vida: deixamos de lado algumas coisas e renovamos nossa decisão por conservar outras. Ficamos apenas com aquilo que, para nós, é mais importante, o que é nosso outro, o nosso valor.

CONCLUSÃO

Há quem diga que *a ética é uma ótica*, isto é, um modo de ver, uma lente que nos permite contemplar o mundo. Sem dúvida, como somos seres culturais e históricos, não se pode negar as múltiplas facetas que a moralidade pode apresentar. É por isso que existem momentos de crise de valores, pois nossos padrões de comportamento não são absolutos. Estamos sempre procurando ser mais e descobrir modos novos de fazer as coisas. Assim, nossos valores mudam. Houve tempos em que a escravidão nos parecia um valor. Hoje, defendemos a igualdade e a liberdade de todos os seres humanos, independentemente de cor, raça, credo ou cultura.

A ética é uma ótica. Que a nossa visão contemple o bem de todos e não apenas os nossos interesses pessoais. Que tenhamos olhos para a vida mais que para a violência e a morte. Que

a igualdade brilhe em nossos olhos e que a justiça reine em nosso país. Precisamos todos nos empenhar por construir um mundo melhor, passando de uma *ética relativista* a uma *ética comunitária e solidária*. Desse modo, a crise de valores de nosso tempo pode ser um momento fecundo de renovação humanitária.

INDICAÇÕES DE LEITURA

BOFF, Leonardo. **Crise:** oportunidade de crescimento. Campinas: Verus, 2002.

CHOMSKY, Noam. **A minoria próspera e a multidão inquieta.** Brasília: UnB, 1997.

ECO, Umberto. **Cinco escritos morais.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1992.

OLIVEIRA, Paulo Eduardo de. **Sala de Aula:** espaço de vivência ética. Revista Educação Marista. Curitiba, Editora Universitária Champagnat, Ano V, n. 10, p. 5-11, jan/jun 2005.

OLIVEIRA, Paulo Eduardo de. **Educar para a vida:** reflexões para pais e educadores. Petrópolis: Vozes, 2007.

POPPER, Karl. **Sociedade aberta e seus inimigos.** São Paulo/Belo Horizonte: EDUSP, Itatiaia, 1975.

DEFINIÇÕES E NOTAS EXPLICATIVAS

- 1 A palavra ética vem do grego *ethos*, que significa comportamento ou atitude. Em latim, este termo foi traduzido por *mor* (*moris*), o qual se derivou a palavra moral. A maioria das pessoas usa as palavras ética e moral como sinônimas, embora haja uma distinção técnica entre elas: enquanto a moral significa a norma de conduta ou comportamento, a ética é a ciência ou o estudo da moral.
- 2 **Indicação de link:** Sobre esta reportagem, leia mais neste link: < <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1679161-15605,00.html> > .
- 3 **Indicação de filme:** Sobre este tema, veja-se o vídeo “*Ética e ecologia: desafios para o século XXI*”, do intelectual brasileiro Leonardo Boff. < <http://www.youtube.com/watch?v=-TU9BmDbcZw&feature=relmfu> > .
- 4 Ideologia – Conjunto de ideias, princípios ou valores que determinam a forma como as pessoas compreendem a realidade. Por exemplo, quando se diz da ideologia consumista, estamos falando do conjunto de ideias que fazem as pessoas compreenderem o consumo como uma prioridade, algo a ser buscado, um valor a ser conservado. Nesse sentido, a palavra ideologia tem um aspecto negativo, como algo que deve ser analisado com olhar crítico.
- 5 Karl Marx (1818-1883), filósofo alemão, responsável pelo desenvolvimento de um pensamento crítico em relação à base econômica da sociedade, sobretudo a estrutura capitalista. Propõe o socialismo e o comunismo como formas alternativas de superação das desigualdades sociais produzidas pelo sistema capitalista. Sua principal obra é *O Capital*.

- 6 Aparelhos ideológicos – Conjunto de instituições sócias como a família, a escola, a religião e o Estado que servem para propagar as ideologias, ou seja, o conjunto de ideias e de valores próprios de uma cultura ou sociedade determinada.
- 7 **Indicação de link:** Para uma compreensão mais aprofundada do tema da ideologia do consumo, pode-se ler o artigo de Lindomar Teixeira Luiz, sugerido neste link: < <http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/viewFile/204/105> > .
- 8 Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês, destacado professor do Collège de France. Sua obra analisa, de modo especial, as relações de poder que se estabelecem na sociedade. Sua intenção é identificar o que ele denominou “genealogia do poder”, isto é, as origens ou as raízes do poder que se estabelecem entre as pessoas no cotidiano da vida social. Entre suas obras, destaca-se *Vigiar e Punir*.
- 9 Karl Popper (1902-1994), filósofo austríaco. Sua obra integra a preocupação com o método científico e as questões sociais. Defende a ideia de que nosso conhecimento é falível e provisório e, por isso, ninguém pode obrigar outra pessoa a aceitar de forma dogmática as suas ideias. Entre suas obras destaca-se *Em busca de um mundo melhor*.
- 10 Doutrina ou pensamento que afirma constituir o prazer, só ou principalmente, a felicidade da vida. Assim, para o hedonista, ser feliz significa ter prazer e evitar tudo aquilo que vai contra o prazer e cause desconforto ou exija esforço.
Indicação de link: Para uma leitura complementar acerca do hedonismo, ver o seguinte link: < <http://www.infoescola.com/filosofia/hedonismo/> > .
- 11 **Indicação de link:** Para uma compreensão mais ampliada do conceito de *sustentabilidade social*, ver o seguinte link: < <http://www.atitudessustentaveis.com.br/sustentabilidade/sustentabilidade-social/> > .
- 12 A palavra *relativismo* deriva de relativo. O relativo é o que está em relação com outro, portanto não é absoluto, não é único. Dizer que uma norma moral é relativa significa afirmar que ela não tem um valor absoluto como única norma moral, pois pode haver outra norma, até mesmo contrária à primeira, que poderá ser reconhecida como válida.
- 13 Moralista – Aquilo ou aquele que se deixa guiar cegamente pela moral, tornando-se fanático cumpridor das leis. Diz-se da pessoa para quem os princípios morais, por vezes rígidos e carentes de revisão, estão acima de qualquer outra coisa.
- 14 **Indicação de filme:** Para uma compreensão mais ampla acerca deste tema, veja-se o famoso filme “*O nome da rosa*”, inspirado no romance de mesmo nome do escritor italiano Umberto Eco.
Link para o filme: < <http://www.youtube.com/watch?v=tNGa0GTYPpQ> > .
- 15 A palavra *secularismo* deriva de secular, que em latim significa “mundo”. Na mentalidade medieval, as coisas do “mundo” eram separadas das coisas sagradas, as coisas da religião e de Deus. Desse modo, a expressão *secular* ou *secularismo* passou a designar as realidades, ambientes, costumes ou tradições desvinculadas do aspecto religioso ou eclesial, isto é, das igrejas.
- 16 Newtoniano-cartesiano – Concepção filosófica e científica apoiada nas ideias de Isaac Newton e de René Descartes, segundo os quais tudo pode ser reduzido a uma compreensão lógica e matemática. a uma compreensão lógico-matemática.

- 17 Mentalidade – Forma pela qual as pessoas veem as coisas numa determinada época. Assim, fala-se da mentalidade medieval ou moderna, referindo-se ao modo com as pessoas da Idade Média ou da Idade Moderna compreendem a vida, o mundo e a sociedade.
- 18 **Indicação de link:** Para uma leitura complementar sobre a importância da *educação para a sustentabilidade*, veja-se o link que segue: < <http://www.atitudessustentaveis.com.br/conscientizacao/a-importancia-da-educacao-ambiental-sustentabilidade/> > .
- 19 Sobre este tema, ver nosso livro *Educar para a vida: reflexões para pais e educadores*. Petrópolis: Vozes, 2007.